A MONTANHA DA SOLIDÃO AZUL

Antenor Antônio

A MONTANHA DA SOLIDÃO AZUL

São Carlos – S.P.

Editora De Castro

2017

Copyright © 2017 by Antenor Antônio Gonçalves Filho

Editora De Castro:
editoradecastro.com.br
@editoradecastro

Capa, projeto gráfico, diagramação:
Carlos Henrique C. Gonçalves - carlaohcg@gmail.com

Fotografia e ilustração:
Antenor A. Gonçalves Filho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Editora De Castro)

G635m Gonçalves Filho, Antenor Antônio
A montanha da solidão azul / Antenor Antônio. -- 1. ed. --
São Carlos, SP : Editora De Castro, 2017.
180 p. : il.

ISBN 978-85-92788-01-8

1. Literatura brasileira I. Título.

CDD-B869

Todos os direitos reservados – É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal Brasileiro.

Para contatos com o autor: aagfilho33@gmail.com
antenorgoncalvesfilho.wordpress.com

SUMÁRIO

9 O INÍCIO

23 O INÍCIO DO COMEÇO

39 UM POUCO ALÉM DO INÍCIO DO COMEÇO

55 O MEIO

75 UM POUCO ALÉM DO MEIO

91 O FIM

111 UM POUCO ALÉM DO FIM

159 O FIM DO FIM

O INÍCIO

A montanha faz o discurso sem voz
O silêncio preserva os limites da memória

Parece que foi agora.

Era um desejo, um desejo grande, curtido de anos que se ossificaram nos fios da memória – subir a Montanha da Solidão Azul ao chegar aos oitenta anos. Queria provar se ainda existia em minha carcaça feita de ossos e frágeis músculos, um resto de vida, uma fantasia, um sonho de poder – aposta que fiz com meu irmão mais velho, quando trabalhávamos juntos no amansar de cavalo bravo. A idade chegara como fora previsto, sem ruído, que é assim da natureza o silêncio vindo.

Ao completar oitenta anos, fazia questão de não contar pra ninguém, como se fosse feio envelhecer. A velhice deveria ser escondida. O leão quando fica velho e não tem mais dentes, ele se refugia para um lugar ermo do campo ou da floresta e fica à espera que a natureza faça o serviço do esquecimento. Os demais leões contemplam de longe em silêncio. Não é verdade afirmar que temos compaixão pelo velho. Fingimos. O que consola o velho é que, por um dispositivo dos neurônios enfraquecidos, a morte não se torna uma ameaça iminente, mas distante. É como se ele ainda tivesse uma segunda chance. Em seu leito de morte, meu pai dizia para minha irmã – não dá mais, estou cansado. Era uma declaração amarga da derrota, em face da improvável vitória da vida.

Num caderninho de notas, escrevi algo assim e que registrei com o nome de Agenda: "Procura-se um homem que não se encontrou. Ele se veste de camisa branca, calça jeans desbotada, sandálias, aliás franciscanas... anas, óculos torto ao nariz porto. Por não usar cabelos, ele vive eternamente se alimentando de sol. Se encontrarem esse homem, entreguem para mim mesmo, que sou eu, na rua onde não estou."

Estranho jeito de escrever...

Eu era de cor morena, calvo, com poucos cabelos curtidos de sol. Alguns fios brancos insinuavam a presença do tempo vivido – os fios frágeis da memória. Para mim, esses fios frágeis eram por conta dos primeiros sinais do ritual introduzido pela morte, aquela que se aproxima sem aviso prévio. Maneirava um modo de imaginar as etapas da vida igual às da natureza: primavera, verão, outono e inverno. Porque nascera em setembro – signo de balança –, sonhei um dia que era sem origem paterna como os grandes líderes espirituais do passado: Moisés, o salvo das águas e criado por uma rainha; Cristo, vindo do espírito santo e de um Pai sem nome; e até mesmo em relação ao famigerado Lampião – rei do cangaço –, e dele nunca se falou do pai e já inspirou cantadores do nordeste a descreverem um encontro solene entre Lampião e a Virgem Maria. Eu estava aí, um ser presente neste vale, ora encantado ora sombrio, para cumprir missão assim imprecisa escrita na tábua da natureza. Mas isso não se dera como a natureza previa, era afinal um sonho feito de cipó extremamente retorcido. A natureza circula em dias e meses e o homem circula de frente pra trás e de trás pra frente. Vou remansando como posso em dias e anos. Mesmo porque, pensando bem, como era um homem sempre de plantão no quintal do pessimismo, dizia estar estacionado no inverno.

Era do Sul de Minas, uma pequena vila chamada Areado, cortada por um rio caudaloso de nome Muzambo. Esse rio regurgitava peixes. Sobre ele se contava a história de que o prefeito mandara asfaltar o leito, porque, quando passava um cardume de peixes, estes levantavam uma grande poeira na cidade que emplastava os lençóis brancos das lavadeiras. Piada. A pequena vila de Areado era um ponto real no mapa, mas, como na vila Macondo de "Cem anos de Solidão", repousava nos mapas do esquecimento.

Meu pai foi capataz de fazenda. Na "Revolução de Trinta", seu patrão acolheu as tropas paulistas em sua fazenda situada em pleno território mineiro. Por consequência dessa malfadada aposta política, houve o confronto com as tropas mineiras e a expulsão das paulistas de seu território. Doideira do patrão de meu

pai que, com a derrota, perdeu tudo. Meu pai, então, se amainou numa usina de cana em Sul de Minas.

Fui até meados dos fins da adolescência portador de bronquite asmática. Naquele tempo não havia a categoria adolescência, passava-se da infância para a fase adulta. A chamada do pai para com seu filho era sempre a tal de "seja homem, encare a vida, não tenha medo." Tinha um chiado constante no peito e um cansaço permanente, que médicos e curandeiros não conseguiam dar jeito. Um dia meu pai reuniu a família e disse: "O menino é doente, não pode trabalhar na roça, no meio da poeira, sob o sol ou tomando chuva, ele vai morrer logo; mas enquanto ela não chega, ele vai estudar". Assim, fui salvo pela bronquite asmática e pela ameaça da morte muito cedo. Essa história emenda outra de caso no mínimo engraçada, a do pai que dominava pequenas letras, o suficiente para fazer contas. É que ele nascera em um lugar apelidado de nome Calaboca. Sua professora indagou certa vez: "Menino, onde você nasceu?". E ele, seco, respondeu: "Calaboca". Não deu outra, a professora considerou como ofensa pedir para ela calar a boca. Ele levou um chega pra lá de vara de marmelo e saiu correndo pro mundo e nunca mais entrou em uma escola. Preferiu a aventura de um mundo de sombras e aceitou cedo seus desafios tecidos de um emaranhado de cordas. Na fase mais adulta, alcançou a confiança de produtores de café e passou a ser administrador de fazenda. Lembro-me, como se fosse hoje, meu pai me transportava todos os dias sobre o lombo de um burro serrano que mudava de pelo todo ano. Era de uma cor cinza, feito assim muro branco pintado há muitos anos. Quando ele mudou de fazenda, não levou consigo o burro serrano, poderia morrer na viagem, pois estava muito velho. Nessa outra fazenda, meu pai encontrou-se com um homem de nome Serrano (que não mudava de pelo todo ano) e que veio a morrer de asma. Foi a primeira confusão instaurada em minha cabeça – um homem e um burro com o mesmo nome. São estigmas da solidão que se empederniram na memória.

Acompanhei meus pais pelos cantinhos do mundo até a última fazenda, já no Estado de São Paulo, próxima a Minas Ge-

rais, onde se esparramam as compridas fraldas da Mantiqueira. A sede da fazenda ficava no sopé de uma montanha com formato de elefante deitado e que eu costumava chamar de Montanha Azul. Isso nem sabia o motivo da cor azul, talvez ficasse por conta de uma imagem que diz-que-nada-diz de nossa infância quando a felicidade tem cores. Foi nessa montanha que, em intervalos de minhas férias escolares, ajudava meu irmão mais velho a campear boi bravo. Tinha certa inveja de meu irmão, especialista em amansar cavalo bravo. Ele tinha levado tombo teatral, arrebentado com seu joelho e como consequência ficou pra sempre meio manquitola da perna direita. Depois desses breves encontros, invernei-me no grande centro urbano, onde estudei Filosofia e me transformei em pingente das fantasias ideológicas – Platão, Descartes, Kant, Hegel, Nietzsche, Heidegger e tais. Quando comecei a dar as minhas primeiras aulas de filosofia, dizia a meus alunos que não sabia nada de filosofia. Estava fazendo uma chantagem, pensava causar uma boa impressão a meus inocentes pupilos e mostrar que ninguém estava de posse da verdade. E que a filosofia era um exercício de busca permanente do elo que se perde a todo momento do conhecimento. O problema era como encontrar esse caminho que me levaria à verdade e que verdade seria essa num mundo de sombras e que Platão representava no famoso Mito da Caverna. Eu dizia: "O que recebemos de uma faculdade é apenas um mapa, às vezes um mapa com escalas mal traçadas. O que fazemos ao longo de nossa caminhada é saber se o mapa funciona. E quase sempre funciona muito mal, às vezes por nossa culpa ou por aquele que o elaborou. Vivemos encantados e abobalhados na presunção de que, pelo discurso, pelo jogo de palavras, podemos superar as aporias, os paradoxos e as contradições que nós mesmos criamos para justificar nosso soldo. E passamos a vida toda a tentar atualizar o mapa. E o preço que pagamos é perder o contato com a vida."

Casei, tive filhos, perdi a esposa após longa doença incurável e meus filhos se afastaram pelos descaminhos do mundo. E agora estou aqui, na Vila Esmeralda, ao sopé de uma montanha

enorme, também de cor azul, e que nomei de Montanha da Solidão Azul. A montanha não tinha o formato de um elefante deitado como da fazenda onde meu pai trabalhava. Tinha o formato de um barco no porto – igual a um barco que range sons e silêncios.

Comprei uma casa pequena, um quarto, sala, cozinha, banheiro e um puxado coberto, de onde, a todo instante podia contemplar a montanha azul e imaginar o momento da aventura. Meus novos conhecidos, companheiros das bebidas vespertinas, me desaconselhavam da ideia maluca. "Onde já se viu, um velho encomendando a caixa-prego, dar uma de peão boiadeiro...". Fingia escutar, ferido que fui dessa "ideia de fogo de gelo" – expressão que guardava na memória dita por Rosa, em "Grande Sertão: Veredas". Com todas as letras que dominava, os hematomas da alma, nada é mais forte, intenso e denso que a ideia pendurada havia anos no peitoril da cabeça – subir a Montanha da Solidão Azul, estacionar por uns momentos no alto mais alto, deitar, esticar os braços e pernas, contemplar estrelas como quem absorve o néctar das estrelas e sua eternidade. Eu sei que as estrelas são indiferentes à minha existência. No entanto, a minha força e grandeza se situam no fato de que eu não sou indiferente ao silêncio absoluto delas.

Gostava de contar a história de vida de João Sol. Repetia sempre para meus amigos da Vila Esmeralda, pois é próprio das pessoas idosas repetir a mesma história como se fosse pela primeira vez. É fato que, para variar, aumentava um ponto esquecido da primeira vez. Quando criança, dizia, João Sol fora esquecido num bercinho de vime no fundo do quintal. Como consequência, ele absorvera tanta luz do sol que lhe deram o apelido de João Sol. Eu não imaginava que poderia ser chamado de o Moisés da Montanha ao levar comigo a nova tábua da lei. Isso era um fato histórico contado na Bíblia que passava de longe na minha cabeça. O episódio do berço abismou-se em minha cabeça, como nódoa de sangue escuro, o desejo de, ao final da vida, morrer deitado no alto da montanha azul e servir-se de oferenda ao sol. Imaginava que meus olhos, ao ser alimentado

por tanta luz do sol, iriam se transformar numa estrela tal qual o que acontecera com João Sol e que passaria a ser o único homem eterno da vila. O pessoal da vila levou sempre em conta que dera doideira em João Sol. O sol cozinhara os miolos dele e agora parecia que – de tanto repetir a mesma história –, estava cozinhando os meus miolos. O fato é que João Sol um dia sumiu e nunca mais fora visto por essas bandas. E como a ausência induz e alimenta sempre o vento do mistério, João Sol se transformou em história da Vila. E esta bem que poderia ter sido batizada por seu nome, porque da tal de esmeralda nunca se ouvira falar que alguém a tivesse encontrado. E mesmo porque, quando um peregrino vem com a pergunta do "onde fica?", logo se repete a ladainha: "É ali, um tirim de espingarda, naquela dobrada da montanha, terra do João Sol."

E por falar em história da Vila, existe uma antiga mania que não se desgrudava de seus habitantes: dar um apelido às pessoas que as identificasse melhor. Esse apelido está ligado a uma característica do local onde a pessoa mora, seu tipo de trabalho, seu modo de vestir, seus prazeres, suas manias religiosas, o modo como falava etc. O apelido identificava a personalidade da pessoa, facilitava a comunicação, dava-lhe vida nova desvinculada da burocracia dos nomes. José, por ser muito pálido, branco, era nomeado de Zé Branco; Pedro, por morar próximo a uma porteira, assim o chamavam de Pedro da Porteira; Antônio, por ser dono de uma pequena venda cheia de quinquilharias, chamavam-no de Antônio da Venda; e assim também Joaquim, por morar no mais alto da montanha, recebia o apelido de Joaquim da Montanha; Manuel só poderia ser chamado de Manuel Português; Ramon, de O Espanhol; Salim, mesmo vindo da Síria, era O Turco; o italiano, não importava seu nome de batismo, era simplesmente O Mussolini; se no fundo do quintal da casa do Serafim havia uma paineira, eis aí o Serafim da Paineira. Conta-se que um dia Serafim maltratou alguém por chamá-lo de Serafim da Paineira. O que ele fez? Cortou a paineira. Foi pior, porque no lugar da paineira ficara um rígido toco que ninguém conseguia

tirar, o que daí se inaugurou um novo nome, Serafim do Toco. Brabo, irritado, nervoso, Serafim arranca o toco. E aí ficou em seu lugar um buraco enorme, bem visível. Serafim ficou "puto da vida" quando lhe chamaram de Serafim do Buraco. E achou que bastaria tapar o buraco para finalmente chamá-lo de Serafim. Nada disso, veio um apelido pior: Serafim do Buraco Tapado. Qual foi a solução final? Plantar uma paineira e assim ser pelo menos chamado de um nome mais "comestível" – Serafim da Paineira Nova. No emaranhado dessa genealogia de nomes, eu não poderia escapar dela, e, por consequência, o batismo de AN da Montanha. Toda a vila se acostumara a chamar-me de AN da Montanha e se esquecera de meu nome de batismo. Gostava de ser chamado assim, era um modo de registrar minha nova etapa da vida, a chamada etapa definitiva e cumprir vontade velha e escalar a Montanha da Solidão Azul. Afinal, assim como ficou João Sol na história da vila, o mesmo poderia acontecer comigo. Algumas vezes, sonhei ser chamado pela Academia: "O maior filósofo da América Latina". Não deu.

Levava em meu bolso, traçada em pequena cartolina, um perfil da Montanha. Comparada com as grandes da Ásia, a montanha não passava de um punhadinho de terra, mas o suficiente para causar espanto e medo a meus velhos ossos. Lia sobre o Monte Sinai de onde Moisés desceu trazendo consigo a famosa "Tábua das Leis Mosaicas", e verifiquei que minha montanha era superior a de Moisés. Era o sinal que poderia viver uma história maior que a de Moisés, embora sem a Tábua e apenas uns escritos sobre a minha aventura, se é que haveria tempo. Poderia até sonhar com uma nova tábua das leis, uma tábua atualizada, situada à frente do mundo moderno. Sonhar. E se os sonhos não se realizam, pensava, pelo menos nos mantêm vivos.

A cartolina sobre a qual tracei o perfil da Montanha deixava nítida a presença de sete etapas ou escalas feitas assim sete degraus de uma escada. Os escritos, sobre a forma de desenhos, eram dispostos deste modo:

1. O Início do Começo;
2. Um Pouco Além do Início do Começo;
3. O Meio;
4. Um Pouco Além do Meio;
5. O Fim;
6. Um Pouco Além do Fim;
7. O Fim do Fim.

Meio apagado e entre parêntesis estava o termo Absoluto. Desejava colocar no lugar do Fim do Fim, o Fim Absoluto. Tinha certo refinamento filosófico trágico e de acordo com a minha formação intelectual. A dúvida sobre o termo absoluto ficava por conta de um resquício pedante em seu uso. Estaria dando muita importância a uma aventura simples, própria de um homem simples e que agora curtia uma aposentadoria "filosófica" sem nenhum heroísmo a se transformar em matéria de jornal. De filosofia queria era distância. O pessoal da Vila Esmeralda ou de João Sol só entendia era de histórias que tivessem um tom familiar, com princípio, meio e fim e de preferência que terminassem sempre trágicas e quem morresse nelas virasse santo. Meus santos eram categorias marginais. E porque ingressara e estudara em uma faculdade meio veterano, levava comigo o vezo anti-intelectual, antimetrópolis e sempre fazia força de preservar minha origem cabocla. Eu fazia questão de afirmar sempre a meus poucos amigos: "Sou informado em filosofia e ainda estou me formando pelos caminhos do mundo. O mundo é muito complicado e a nossa tarefa é estar sempre a descomplicar o mundo. E isso não tem fim. A morte dá um jeito nisso." Não procurava saber se meus amigos entendiam de minha fala. Dava por sabido.

Para mi, havia duas categorias de intelectuais, o criador e o consumidor. São raros os primeiros, o segundo uma legião. Classificava a segunda categoria como "camelôs de fantasias ideológicas", que necessitavam de dois séculos para decifrar e reproduzir o que disseram os primeiros. Atuavam mais como caçadores de pérolas do cascalho bruto da filosofia e quando as encontravam

o mundo tinha mudado de tal forma que não havia mais tempo para justificar e salvar o museu aéreo da filosofia de determinado autor. "Os meninos de uma certa instituição famosa do Brasil", comentava, "citam o filósofo alemão Heidegger como se estivessem comendo uma iguaria deliciosa. Com isso se vestem com as armaduras da presunção do saber e acham que não passam de uns idiotas aqueles que os rodeiam". E se perguntamos sobre "o que escreveu esse filósofo tão sombrio", dão de ombros e fogem da resposta. Trata-se de uma pergunta banal, diriam. Uma outra pergunta: que contribuição esse filósofo deu para a humanidade? Penso que nem para o nazismo do qual ele foi partidário. Platão foi o maior filósofo de todos os tempos, porque inventou o único caminho da filosofia – a procura do conceito, a definição, que é o que fazemos até hoje. Os filósofos que seguem a fila, não passam de exegetas de Platão. Sócrates, Bruno, Espinosa são reverenciados não pelo que deixaram de escrever ou escreveram, mas por serem vítimas da intolerância religiosa – o cancro que corrói silenciosamente a humanidade por dentro. Nietzsche se salva por não ser um filósofo de sistemas, mas de paixões. A maioria dos filósofos não consegue se libertar da caverna de Platão e é indiferente ao inferno em que a humanidade se coloca ao longo de sua trajetória histórica – cuja descrição é predominantemente uma novela de nossas ruínas. Existe também o cemitério da filosofia: "Aqui jaz Fulano de Tal, orai por ele."

Trazia sempre na cabeça, bem decoradinho, uma chamada da escritora francesa Marguerite Yourcenar e que para mim resumia toda a nossa condição:

> "Quando tivermos reduzido o máximo possível as servidões inúteis, evitado as desgraças desnecessárias, restará sempre, para manter vivas as virtudes heróicas do homem, a longa série de males verdadeiros: a morte, a velhice, as doenças incuráveis, o amor não partilhado, a amizade rejeitada ou traída, a mediocridade de uma vida menos vasta do que nossos projetos e mais enevoada do que nossos sonhos."

Ao repetir isso, ficava pensando que os escritores de literatura estão à frente dos filósofos. Se eles não nos dão a "chave do mundo", pelo menos nos provoca a procurá-la. Caminhava sempre a reboque das ironias da vida. Quando via passar por perto um homem cheio de panca, dizia, coitado, ele leva um embornal cheio de bosta nas costas e na cabeça a ilusão de que pode ser ele o descobridor das Américas.

Tinha também a mania de construir filosofemas. Imaginava que fosse original ao inverter frases consagradas. Era um jogo. Pensava que estava combatendo as superstições e crenças enraizadas e sólidas na cabeça de meus alunos. Guardava comigo um caderno de notas com mais de cem ditados populares escritos ao avesso. Quem sabe um dia um livro com o título "Manuscritos ao Avesso" e/ou "Dos contrários". Seria muito bom sair do exílio de minha solidão ao ser lido e debatido. E me divertia com meus conhecidos da Vila com "joias" assim:

Em terra de cego quem tem um olho vai para a cadeia.
Em terra de cego quem tem um olho precisa ficar cego do outro.
Mais valem muitos pássaros voando que um na mão.
Em casa de ferreiro espeto tem ferrugem.
Em casa de carpinteiro espeto é de ferro roubado do ferreiro.
Em casa de banqueiro espeto é de espada roubada dos militares.
Em casa de açougueiro espeto é de osso.
Em casa de pobre há muitos espetos virados para ele.
A fala é de ouro, o silêncio é de prata.
O silêncio é a mais cínica manifestação de nossa covardia.
A mentira tem pernas curtas, a verdade não tem pernas.
Quem ama o feio, o bonito desaparece.
A voz do povo é a voz de Deus, por isso Ele é mudo.
Quem canta seus males encanta.
Quem não petisca arrisca.
Quem rouba um ladrão fica com a nossa parte.
Amor com amor se pega.
Cesteiro que faz um cesto fica cansado se fizer dois.
As doenças entram pela boca e saem.
Em tempo de guerra, a mentira come terra.

Na teoria a prática é outra teoria.
Entre dois males, prefiro o terceiro.
A ocasião faz o ladrão e outras ocasiões.
O que é da onça, o lobo come antes.
Quem cala sente.
Cada um para si e Deus que se vire.

Agora, convido o leitor para acompanhar a minha trajetória. As veredas por onde vou passar não são tão longas, mas extremamente íngremes e perigosas, sobretudo se levarmos em conta a minha idade avançada.